

“GLORIAS, LUTAS, VITORIAS ESSA É MINHA HISTÓRIA”: VASCO DA GAMA E A LUTA CONTRA O RACISMO

JOÃO KAIO MIGUEL ARRUDA
UFCG/CFP
Kaiosjp@live.com

ORIENTADOR: ISRAEL SOARES DE SOUSA
UFCG/CFP
Israelhistoria@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho tem a intenção de refletir sobre as consequências sofridas pelo Clube de Regatas Vasco da Gama por lutar contra o racismo no futebol brasileiro. Em 1923 ano que o Vasco foi campeão carioca, 34 anos após a abolição da escravidão, o preconceito com os negros e as camadas mais populares da sociedade ainda era muito forte. A equipe cruzmaltina, por agregar atletas negros, logo recebeu da imprensa da época, o apelido de camisas negras. E isso em um esporte racista e classista com certeza teria um preço a ser pago. Com a saídas dos times da Zona Sul da Liga Metropolitana e a criação da AMEA foram criadas cláusulas absurdas, no tocante à participação dos clubes, tendo como alvo a equipe do Vasco, que reunia negros e pobres. A partir desse momento, em que o clube se ver prejudicado e mergulhado em meio a tanto preconceito, passa a militar pela participação dos negros e das camadas populares no futebol brasileiro.

Palavras-chaves: Vasco da Gama; Racismo; Resistencia.

INTRODUÇÃO

“Glorias, Lutas, Vitorias Essa é Minha História”¹ esse trecho presente no título faz referência a uma música criada pela torcida do Vasco, chamada de *Camisas Negras*. “Camisas Negras” foi o apelido que a equipe recebeu da imprensa carioca em 1923, quando venceu seu primeiro campeonato, sendo composta por negros, operários e brancos pobres. A música faz referências às lutas travadas pelo Vasco em favor dos menos favorecidos e, principalmente, contra o racismo; como podemos perceber em outro trecho: “(...) Jamais terás a cruz, esse é meu batismo, eu tive que lutar contra o teu racismo (...)”, e feito referência a construção do estádio que tem todo um contexto de luta por trás “(...). Eu vou torcer, aqui eu ergui meu templo para vencer (...)”.

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX vindo da Inglaterra, como a maioria das coisas da época, era um esporte elitizado e praticado apenas por brancos de classe média alta, prova disso é que era um esporte praticado em clubes de associação, e nem todo mundo tinha condição de ser sócio de um clube. O Rio de Janeiro, na

condição de capital federal era a principal cidade do país naquele momento e tinha quase que a obrigação de incorporar as práticas do chamado “mundo civilizado”. Grupos urbanos procuravam aproximar-se o máximo possível dos exemplos europeus de organização econômica e de sua estrutura social, atitudes e modo de viver (GRAHAM, Richard, 1973). Nesse contexto, “o futebol tornara-se um novo item da modernidade europeia que não podia faltar aos anseios e atualização da elite brasileira” (FRANCO JUNIOR, Hilário, 2007, p. 63).

Com isso, esse trabalho tem o intuito de mostrar como foram dados os pontapés iniciais para a democratização desse esporte, que deixou de ser apenas de uma elite para se tornar o mais popular do país, chegando ao ponto de se confundir o país com o esporte. Esse processo de democratização se dá a partir do Clube de Regatas Vasco da Gama, clube formado por portugueses da Zona Norte. O Vasco não foi o primeiro clube a inserir negros, operários e analfabetos no futebol, mas foi o primeiro a lutar por eles, e isso, acarretou consequências e são essas consequências que serão discutidas ao longo do texto.

Serão apresentadas também as diferentes narrativas que perpassam esse assunto da democratização do futebol brasileiro. Debate travado entre Antônio Jorge G Soares e a obra de Mario Rodrigues Filho *O Negro no Futebol Brasileiro*. Nela, Mario Filho vai dizer que depois de 1923, quando o Vasco venceu seu primeiro campeonato carioca com a participação de negro, operários e analfabetos no seu plantel, isso abalou as estruturas da soberania das elites cariocas causando consequências para o time cruzmaltino e abrindo de vez o espaço para os excluídos no esporte. Já Soares discorda principalmente do fato de que o livro de Mario filho é usado quase como unanimidade de fonte histórica. Ele aponta também que a elite carioca não tinha tanta resistência assim com esses excluídos, e o que aconteceu depois de 1923 com o Vasco da Gama não foi por uma questão racista e sim por uma discussão da profissionalização ou não do futebol, isso vai ser melhor discutido na frente.

E por fim será mostrado como aconteceu a construção de um dos maiores símbolos contra o racismo e a favor dos trabalhadores, o estádio do Vasco da Gama, São Januário, construído em 1927, na época, o maior estádio da América latina, estádio esse que foi construído com a ajuda dos torcedores e foi lá que anos depois o presidente da época Getúlio Vargas leu as primeiras leis trabalhistas do Brasil.

VASCO DA GAMA, OS NEGROS, OS OPERÁRIOS E OS ANALFABETOS, E O TÍTULO DE 1923

É sabido que o primeiro time a ter um negro jogando foi o Bangu, mas por medo de represálias, logo voltou atrás na sua atitude. O primeiro caso que teve repercussão envolvendo um negro jogando futebol foi o do jogador Carlos Alberto, em 1914, a repercussão não foi por um motivo positivo.

Carlos Alberto entrou em campo defendendo o Fluminense Futebol Club, e por medo de rejeição da aristocracia da torcida do Fluminense pela cor da sua pele o jogador entrou em campo coberto de pó de arroz; mas, com o passar do jogo, o suor foi tirando a maquiagem do jogador. Depois desse episódio, os outros times cariocas começaram a chamar o Fluminense de pó de arroz, com um intuito pejorativo por ter colocado um negro em campo e esse apelido perdura até hoje no time tricolor.

O Vasco da Gama foi fundado no dia 21 de agosto de 1898, um grupo de mais ou menos sessenta e dois homens, entre eles alguns brasileiros, mas a maioria era de portugueses ligados à colônia portuguesa radicada na cidade do Rio de Janeiro. A reunião foi feita no salão do sobrado na Rua da Saúde. O clube, inicialmente, foi fundado com intuito de se praticar somente o remo. A fundação teve inspiração nas celebrações do *IV Centenário da Descoberta do Caminho para as Índias*, como a maioria era de portugueses, os fundadores batizaram a nova agremiação com o nome de um personagem heroico para eles, com isso nascia o Club de Regatas Vasco da Gama.

Em 1922, o Vasco venceu a segunda divisão do campeonato carioca, obtendo assim o acesso à elite do futebol carioca, e já era um time compostos por negros, operários e homens pobres. Isso não chamou muita atenção dos times da elite do Rio de Janeiro, mas quando em 1923 o Vasco venceu a primeira divisão, desbancando o Flamengo, Fluminense e Botafogo com o mesmo time de negros e excluídos; isso sim chamou a atenção e criou incômodo nos times da Zona Norte, incomodo esse causado não somente pela derrota, e sim por ser derrotados por um time de negros, pobres e analfabetos

Como Mario Filho diz no livro *O negro no Futebol Brasileiro*, os times da elite carioca não se importavam com os negros jogando futebol, desde que eles estivessem jogando em times pequenos e em divisões inferiores, que seriam de fato, o lugar deles.

O time ficou conhecido como *Camisas Negras*, com uma campanha arrasadora no campeonato de 1923, sagrou-se campeão com onze vitórias, dois empates e apenas uma derrota. Quebrando a hegemonia do Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, times que eram exclusivamente compostos por brancos. Muito se diz que esse sucesso avassalador do Vasco de sair de divisões inferiores para conquistar a elite do futebol carioca estava nos negros, mulatos e brancos, pobres e bons de bola, que o Vasco havia recrutado nos campos de subúrbio.

Com isso, entendemos que o Vasco da Gama não tinha pretensões explícitas de inclusão social e não era todo negro ou todo pobre que iria jogar no Vasco, tinha que ser bom de bola. A diferença do Vasco para os outros times que tinham negros e pobres no plantel é que, quando foi preciso, o Vasco lutou por eles e não se acovardou e por isso teve sofrer as consequências.

VASCO DA GAMA E O PÓS 1923

Como já era de se esperar, a vitória do Vasco causou estranhamento na elite carioca, e isso teve consequências para o time cruzmaltino, mas analisando hoje, a luz do nosso tempo, podemos dizer que o que aconteceu pós 1923 acabou sendo benéfico para o Vasco e para o futebol brasileiro, pois o mesmo passou por um processo de democratização.

O medo dos times da elite carioca era que, em 1924, se repetisse a cena e um time de negros, pobres e analfabetos fosse novamente campeão do Rio. Com isso, no ano seguinte à conquista vascaína, um movimento liderado por Fluminense, Botafogo e Flamengo, com apoio do Bangu e do São Cristóvão começou a tecer críticas à Liga Metropolitana. A alegação era de que a Liga Metropolitana não estava supervisionando corretamente o campeonato para mantê-lo em condições de amadorismo.

Com isso, os times deixam a Liga Metropolitana e criam a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atlético). Na criação dessa nova associação foi elaborado também um novo estatuto e nele foram colocadas cláusulas que evidentemente eram para atingir o time do Vasco que tinha sido campeão no ano anterior.

Entre as cláusulas supracitadas estão: a não permissão de inscrições de jogadores que não tivessem uma profissão definida, jogadores analfabetos; o discurso usado era de que se queria a manutenção do campeonato, para que não tivesse a natureza amadora. Dessa forma, além de atingir o Vasco, o estatuto apresentava caráter preconceituoso ao negar a participação de negros, pobres e analfabetos.

Essas cláusulas atingiam principalmente os negros, pois em uma sociedade que há pouco tempo havia saído de um sistema escravocrata e não tinha dado suporte algum aos negros libertos, o que restou para eles foi viver a margem da sociedade e a partir de trabalhos informais, ou seja, não tinha nenhuma profissão definida. Nesse contexto, educação era coisa da elite, a taxa de analfabetismo nessa época era enorme, então não havia possibilidade de um operário, ou mesmo um branco sendo ele pobre de participar dessa nova associação.

A organização da AMEA mandou um ultimato para o time do Vasco, afirmando que para o time participar do campeonato teria que se desfazer de doze jogadores, coincidentemente todos negros, mulatos e pobres, foi aí que o então presidente do Vasco, José Augusto Prestes, no dia sete de abril de 1924, mandou uma carta aberta em resposta a AMEA, que ficou conhecida como *Resposta Histórica*. Nessa carta, o Vasco reclamava do modo que a associação estava tratando o clube, já que aquelas cláusulas estavam ali para atingir diretamente o clube cruzmaltino, a carta reclama também dos privilégios que os times fundadores possuem.

As resoluções divulgadas hoje pela imprensa, tomadas em reunião de hontem pelos altos poderes da Associação a que V. Exa. Tão dignamente preside, collocam o Club de Regatas Vasco da Gama numa tal situação de inferioridade, que absolutamente não pode ser justificada, nem pelas defficiencias do campo, nem pela simplicidade da nossa sede, nem pela condição modesta de grande número dos nossos associados.

Os privilégios concedidos aos cinco fundadores da A.M.E.A., e a forma porque será exercido o direito de discussão a voto, e feitas as futuras classificações, obrigam-nos a lavrar o nosso protesto contra as citadas resoluções. (CARTA ABERTA DO VASCO DA GAMA, 1924, P.1).

Em relação à eliminação dos jogadores do elenco, foi decidido entre os jogadores e a diretoria que não sairia ninguém do time. Havia indignação no clube porque a investigação feita para a exclusão dos jogadores foi de natureza

exclusivamente étnica e de classe social, “(...) investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa”. (CARTA ABERTA DO VASCO DA GAMA, 1924, P.1). O Vasco termina a carta explicando que não vai excluir seus jogadores e que estaria desistindo de participar da AMEA.

Estamos certos que V. Exa. (*Presidente da associação*) será o primeiro a reconhecer que seria um acto pouco digno da nossa parte, sacrificar ao desejo de fazer parte da A.M.E.A., alguns dos que luctaram para que tivéssemos entre outras victorias, a do Campeonato de FootBall da Cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens, quasi todos brasileiros, no começo de sua carreira, e o acto público que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que elles com tanta galhardia cobriram de glorias.

Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da A.M.E.A.

Queira V. Exa. aceitaros protestos de maior consideração estima de quem tem a honra de subscrever.

De V. Exa. AttVnr., Obrigado.

(a) José Augusto Prestes, Presidente. (CARTA ABERTA DO VASCO DA GAMA, 1924, P.1).

Foi assim que o Vasco lidou com a situação, se opondo a pressão da elite carioca. A partir do momento em que o Vasco foi campeão, começou a surgir esses movimentos entre os grandes clubes para frear esse processo vascaíno. América, Botafogo, Flamengo e Fluminense não suportaram a vitória de um clube de portugueses e de um time de gente negra e humilde. E isso começou a ser percebido pela imprensa, o incômodo dos dirigentes dos clubes grandes com o título do Vasco. Isso pode ser visto na última rodada do campeonato, quando o Vasco já tinha se consagrado campeão e pediu para o Bangu, que não tinha mais nenhuma pretensão naquele campeonato, para que o jogo fosse adiantado em virtude do campeonato de regatas. Nessa época, se o Vasco conseguisse o campeonato de remo se igualaria ao Flamengo, que em 1920 sagrou-se *Campeão de terra e mar*. O Bangu não apresentou problema algum em adiantar o jogo e aceitou o pedido do Vasco, mas a diretoria da LMDT não aceitou. E entre os principais periódicos da cidade, o Correio da Manhã destacava:

O VASCO, DESTA VEZ, FOI A VICTIMA

Essa diretoria da Metropolitana sempre saiu melhor que a encomenda... Desastrada em sem tecto desde o início de sua administração, ella continua no terreiro das “gaffes”, cega, coitadinha, a dar por paus e por pedras. Há um caso recente que define administrativamente, o tino dessa meia dúzia de esbirros sportivos. O Vasco da Gama – é preciso esclarecer que o Vasco nunca esteve muito nas boas graças daquella gente – tinha a sua colaboração na tabela

perfeitamente definida, desde o match com o S. Cristóvão. O jogo com o Bangu era uma simples formalidade [...] Pois bem, o Vasco, de comum acordo com o Bangu solicitou a transferência do match, allegando o motivo justíssimo de ter, no mesmo dia, na cidade, a disputa do campeonato de remo, coisa que o interessava immenso. Não havia nada que obstasse. Nenhuma razão de ordem moral ou de qualquer outra espécie existia para se negar só Vasco essa transferência pedida. A directoria da Liga, do alto das suas tamanquinhas, para fazer uma careta ao club campeão, não havia explicações possíveis. (CORREIO DA MANHÃ, 23 de agosto de 1923).

Como podemos perceber na matéria do Correio da Manhã, principalmente na frase “(...) é preciso esclarecer que o Vasco nunca esteve muito nas boas graças daquella gente (...)”, o Vasco não tinha a mesma força na Liga que tinham os outros times, principalmente os da Zona Norte e esse incômodo que o Vasco causava foi o que fez esses times se reunirem e excluírem o Vasco da AMEA.

O Vasco ficou disputando a Liga Metropolitana no ano de 1924 e os seus jogos chamavam a atenção por serem sempre lotados. O time tinha a maior torcida do Rio na época e seus torcedores adoravam assistir aos jogos do time, onde quer que fosse. Isso rendia muita receita para os times menores. Já na AMEA, era um pouco diferente, pois sem o Vasco os públicos não eram muito grandes, o Fluminense muito reclamou alegando que suas receitas vinham das piscinas e do bilhar, o esporte só estava dando prejuízo e isso por que o clube foi campeão em 1924.

Com isso, a AMEA teve que rever a situação e aceitar o Vasco. O time, que já havia sido campeão da Liga Metropolitana em 1924, mas era grande demais para jogar só com os pequenos, mesmo ferindo o sentimento da aristocracia carioca, entrava na liga.

UM SÍMBOLO CHAMADO SÃO JANUÁRIO

Um das dificuldades que o Vasco enfrentou na época o fato de não ter um estádio próprio. Quando ele chega na primeira divisão, foi obrigado a jogar em estádios maiores e mais seguros do que ele estava acostumado, com isso pagava alugueis caríssimos. Um das cláusulas que tinha no regulamento da AMEA e que também dificultou a entrada do Vasco na associação foi o fato do time não ter um estádio próprio e seguro. João Manuel Casquinha Malaia Santos trata disso em sua defesa de

doutorado na Universidade de São Paulo, intitulada de *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*, ele fala que

Com a chegada do clube à primeira divisão, as acanhadas acomodações da Rua Morais e Silva, com as arquibancadas e a torcida colados no campo de jogo, assustavam as grandes equipes, que exigiam que o Vasco jogasse em praças maiores e mais seguras. Dessa maneira, a equipe pagava altos alugueis ao Botafogo, ao América, ao Fluminense e até mesmo ao Andarahy para jogar nas casas alheias. Esse teria sido um dos argumentos para a não aceitação do Vasco na AMEA. Dizia-se que o clube não tinha estádio, que não tinha praça esportiva própria. Frente aos obstáculos criados pela AMEA, os portugueses se uniram para construir seu próprio estádio. (SANTOS, 2010, P. 348).

Como já foi dito, de tantos pontos para o Vasco não entrar na AMEA, um deles era não ter estádio. Esse ponto foi resolvido pelo time cruzmaltino no ano de 1926, quando os portugueses decidiram se unir e construir o seu próprio estádio, não um estádio qualquer, mas o maior e o mais bonito estádio da América do Sul, e isso tudo apenas com o dinheiro dos sócios. De fato, o estádio do Vasco foi construído com o dinheiro dos torcedores, as obras começaram dia 6 de junho de 1926 e a obra foi entregue em 21 de abril de 1927. Com certeza, era mais que um estádio.

“Um estádio de futebol é mais do que apenas uma praça esportiva. É um verdadeiro santuário religioso”. (SANTOS, 2010, p.348). De fato, um estádio é muito mais do que uma praça esportiva, é um ponto turístico de uma cidade, hoje em dia, dificilmente um turista vai ao Rio de Janeiro e não visita o Maracanã, ou em Barcelona e não visita o Camp Nou. São Januário era mais que um estádio, era e é um santuário para os torcedores e um ponto turístico para quem visita o Rio.

O estádio é um símbolo de conquista para os vascaínos, construído com a ajuda dos seus torcedores ele foi usado para além do esporte, como mostra Santos:

Aquele estádio, construído à base do esforço da colônia portuguesa, era a grande conquista do Vasco. Palco de muitas manifestações, não só esportivas, mas também políticas, sendo o local preferido para as manifestações do 1ª de Maio organizadas sob a égide do governo Vargas durante a década de 1930 e início de 1940. O estádio foi palco da maior renda conseguida na história do futebol conhecido como amador no Rio de Janeiro. (SANTOS, 2010, P. 357).

O estádio virou símbolo dos direitos trabalhistas, foi o espaço que Getúlio Vargas usou para realizar uma enorme cerimônia para anunciar, em 1940, para todo o país, a criação do salário mínimo, e em 1943 a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho, a famosa CLT. Todos esses movimentos sociais e políticos que aconteceram em São Januário, só mostram como o estádio virou referência nesse quesito, alterando toda a lógica geográfica, econômica e social do Bairro São Cristóvão.

Com o tempo, São Januário adotou todos esses símbolos de lutas, contra o racismo, a discriminação social, a favor dos trabalhadores e dos menos afortunados. E das consequências que o Vasco teve que arcar em fazer a manutenção dos *Camisas Negras*, a obrigação de construir um estádio foi uma das melhores coisas que aconteceu com o time.

AS DISSONÂNCIAS DAS NARRATIVAS, MÁRIO FILHO VERSUS JORGE SOARES

Mario filho era um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros do Século XX, além de jornalista, era proprietário do *Jornal dos Sports*, ele escreveu uma das obras mais importantes da literatura esportiva brasileira, o livro chamado *O negro no futebol brasileiro*. O livro apresenta toda a dificuldade que teve o negro dentro do futebol e como ele lutava contra uma elite que não o queria ali. O texto colocou o Vasco da Gama como um dos principais agentes dessa luta. Depois da vitória vascaína em 1923, Mario filho diz:

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. (RODRIGUES FILHO, 2003, P. 126).

Como foi visto, a vitória do Vasco na segunda divisão não chamou muita atenção, mas quando o time venceu a elite dos times cariocas, aí sim despertou a ira dos rivais, Mario filho fala que para os times da elite do Rio enquanto os negros estivessem em times menores, onde seria seu lugar, estava tudo bem.

Ninguém ligou para a importância à ida do Vasco para a primeira divisão. Que é que podia fazer um clube da segunda divisão (...) O Vasco que botasse quantos mulatos, quantos pretos quisesse no time.

Tudo continuaria como dantes, os mulatos e os pretos nos seus lugares, nos clubes pequenos. (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 121).

A primeira vitória de um time formado por negros com certeza teria abalado a estrutura hierárquica de uma sociedade onde havia discriminação racial e social. Mas, Soares discorda da forma que Mario filho conta os fatos; para ele a vitória do Vasco não teria toda essa carga dramática, e, além disso, estaria recheada de incoerências, como as que ele cita a seguir:

A vitória inquestionável do Vasco em 1923 não teria esse tom dramático se simplesmente pensássemos que aquela equipe foi montada com excelentes jogadores dedicados quase exclusivamente ao futebol, isto é, que viviam sob uma estrutura semiprofissional bem-sucedida em relação aos demais. Não teria o charme que tem caso aqueles que se nutrem de Mario Filho estivessem atentos à própria narrativa de seu inspirador, quando descreve que a equipe do Vasco era treinada exaustivamente por Platero e os jogadores eram superiores em termos de preparação física porque viviam como “meninos de colégio interno”. Argumentos dessa natureza não serviriam para realizar um discurso épico do negro ou da mistura racial, com a roupagem do politicamente correto, como o que é apresentado nos artigos acadêmicos sobre o futebol. (SOARES, 2001b, p. 118-119).

Jorge Soares defendeu sua tese de doutorado, intitulada *Futebol raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial*, em Educação Física, na Universidade Gama Filho. Ele critica veementemente o fato do livro de Mario filho ser usado como única e exclusiva fonte histórica sobre o futebol brasileiro. Ele afirma que os pesquisadores não se dão ao trabalho de procurar novas fontes de pesquisa e quando se dispõem a fazer um trabalho sobre futebol apenas reproduzem o que foi dito por Mario Filho, ele chama esses pesquisadores de “Novos Narradores” pelo fato de apenas narrar o livro de Mario Filho.

(...). De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras. O problema é que a obra em questão tem sido utilizada, no interior das ciências sócias, como prova para as interpretações, estabelecidas a priori, sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional. A carência de historiografia sobre futebol converteu *O Negro no Futebol Brasileiro* em laboratório de provas, sem passar pelo rigor crítico. Um dos sintomas da carência, ou mesmo da ausência de fontes é o fato de os consumidores do Negro no Futebol brasileiro, que chamo de “novos narradores”, construírem legitimações acadêmicas da obra e de seu autor. (SOARES, 2001^a, p. 14).

Soares pauta sua pesquisa em jornais do ano de 1924 para apontar erros e incoerências na obra de Mario Filho. Para ele a questão central de toda a discussão não era o racismo da elite carioca e sim a questão do amadorismo, ele diz que os clubes cariocas até aceitariam negros jogando futebol, mas queria a garantia que fosse em condição de amadorismo. Os negros não tinham um nome familiar ou uma profissão de prestígio, e por isso quando se apresentava para jogar em um time de primeira divisão sua condição de amador era logo colocada sob suspeita.

Soares lembra que a maioria dos negros e mestiços do Rio não tinha bons empregos nem uma boa condição social, a lógica era “quanto melhor condição social e econômica, maior a probabilidade do jogador ser amador” (SOARES, 2001b, p. 117). Para Soares essa ideia pairava sobre as cabeças dos dirigentes dos times, assim é provável que a desconfiança fosse maior em relação aos negros sem sobrenome de prestígio.

Soares faz uma conclusão a respeito do assunto, e ele diz que apontar as incoerências nessa história não é bem visto, por que seria politicamente incorreto tentar desmitificá-la.

A “história” de racismo e perseguição da AMEA aos negros e mestiços do Vasco em 1924 tem, no máximo, servido à construção de um discurso acadêmico politicamente correto, cuja eficácia é apenas de reforço da identidade positiva dos vascaínos. Para concluir, reforçamos que a crise vivida no futebol carioca nos anos 20 fazia parte de uma configuração mais ampla do esporte; e que não se limitava ao Brasil. A popularização do futebol, seu processo de transformação em negócio e em profissão estava tensionado pelos valores amadorísticos ou aristocráticos do esporte. (SOARES, 2001b, p. 119).

Dois autores chamados de “novos narradores” por Soares se dedicaram a responder partes das críticas de Soares sobre o *Negro no Futebol Brasileiro*, César Gordon Júnior e Ronaldo Helal eles respondem partes das críticas e apresentam novos argumentos, eles dizem que mesmo que a obra de Mario Filho não possa ser usada como prova do que de fato aconteceu, ela pode muito bem ser usada como uma literatura que reflete bem o preconceito que existia na época. Para eles, os casos descritos no livro sejam “verdadeiros” ou “falsos”, expressariam justamente sua força histórica quando nos permite vislumbrar esse “clima da época”.

Os autores dizem que é louvável o trabalho de Soares em apontar os erros metodológicos dos “novos narradores”, mas questionam sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto de Mario Filho.

Outra crítica que os autores fazem ao trabalho de Soares é que “(...) onde se lia ‘racismo’, propõe que se leia ‘amadorismo x profissionalismo’. E essa redução não nos parece nem profícua do ponto de vista metodológico, nem justa do ponto de vista histórico”. (HELAL e GORDON JÚNIOR, 2001, p. 57). Os apontamentos feitos as críticas de Soares podem ser resumidas da seguinte maneira:

Mesmo considerando que os argumentos de Soares merecem uma análise mais detida e aprofundada, iremos nos limitar, por motivos de espaço, a discutir quatro pontos de seu argumento, que na verdade estão interligados ao longo do texto, ainda que nem sempre formulados de modo explícito: 1) a crítica à utilização do NFB como fonte histórica; 2) a recusa em considerar a pregnância do idioma simbólico do racismo na história do futebol brasileiro; 3) a negação de um processo de relaxamento das tensões raciais no universo do futebol; 4) a desconsideração da ideologia da identidade nacional como instrumento heurístico relevante para a compreensão dessa história (HELAL e GORDON JÚNIOR, 2001, p. 52).

Nessa disputa esse trabalho vai pender mais para o lado dos “novos narradores”, como foi dito o trabalho de Soares é louvável, a iniciativa que ele teve também em cobrar um maior rigor de pesquisa nos trabalhos, mas o problema é que aparentemente ele não dá muita atenção ao contexto histórico que esses personagens estão inseridos. O futebol foi implantado no Brasil pouco tempo depois do fim da escravidão então o sentimento de superioridade de raça ainda estava muito arraigado naquela sociedade.

E o futebol como um esporte vindo da Inglaterra, um esporte de elite, essa discursão não iria se pautar apenas entre amadorismo e profissionalismo como aponta Soares, isso é desconsiderar toda historicidade da época, é querer tirar a atenção do racismo que com certeza existia e existiu. É a mesma coisa de quando discutimos cotas raciais hoje, muito se fala que uma considerável negação que se tem a esse modelo não é por que ainda exista racismo no Brasil, a discursão é outra, é a meritocracia coisa que em um país tão desigual como o Brasil, não existe, ou seja, desculpa para encobrir o racismo institucionalizado que temos em nosso país. Helal e Gordon finaliza dizendo:

Enfim, por que o futebol estaria imune às representações sociais do negro e da mestiçagem que se constituíam num discurso ou num idioma que imperava em todas as outras instâncias da vida social,

incluindo as políticas públicas (discussões sobre legislação imigratória, reformas penais etc.)? Parece no mínimo um contra-senso imaginar que o futebol, desde o período de sua implantação como fenômeno cultural de massa, pudesse ficar imune à penetração das representações sociais do negro e da mestiçagem (HELAL e GORDON JÚNIOR, 2001, p. 62-63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho percebemos a importância da atitude do Vasco em não ceder às vontades da AMEA, isso fez com que a associação percebesse a força que tinha o Vasco, tanto que dois anos depois foi quase obrigada a inserir o Vasco tendo que reconsiderar seu orgulho e seu preconceito.

Apesar de não ser o primeiro time a ter negros integrando o plantel, foi o que ficou com a imagem mais fixada nesse tema, quando se fala em inserção racial no futebol se lembra quase que involuntariamente do Vasco da Gama. E isso se dá muito pelo que vimos nesse trabalho, a resistência do Vasco em ceder às pressões da elite carioca e da AMEA, em fazer uma carta aberta se negando excluir doze jogadores negros e pobres para fazer parte da nova associação dos times da Zona Sul, e nessa mesma carta demonstrou a importância desses mesmo jogadores para o time.

Podemos observar também que mesmo com as tentativas de boicote que o Vasco foi sofrendo, simples pedidos sendo negados como o caso do adiamento do jogo contra o Bangu com o campeonato praticamente acabado e com acordo já feito entre o Bangu e o Vasco a Liga Metropolitana negou pedido, simplesmente por ser o Vasco.

Temos que entender que essa relação que é feita entre o Vasco é causas sócias, se dá em partes por uma negação que os times grandes do Rio em querer incorporar pessoas de classes tidas como inferiores. Por que permitir que negros joguem futebol, mas só que em classes inferiores é sim racismo, e diferente de Soares que pauta toda discussão negando o racismo e substituindo por amadorismo versus profissionalismo, se ele desse mais atenção ao contexto social da época iria ver que uma coisa não anula a outra, discutir se o futebol deve ser amador ou profissional em nenhum momento nega o racismo existente.

São histórias como essas que vão fixando em nossa memória essa relação do Vasco da Gama com causas sócias. E depois da construção de São Januário só fez reforçar essa imagem, por que além da imagem da luta contra o racismo e a inserção de camadas baixas no futebol estar ligada diretamente ao Vasco, depois de São Januário as lutas trabalhistas começaram a ser relacionadas ao estádio, pelo fato de Getúlio Vargas fazer cerimônias para apresentações dos direitos no estádio, e se estar relacionado ao estádio inevitavelmente vai ser relacionado ao clube também. As memórias vão se fixando a partir de pequenos momentos que juntos criam uma forte memória coletiva.

São por esses pontos apresentados no trabalho que discordamos da tese de Soares, quando ele diz que o Vasco sofreu as sanções não pelo racismo e sim pela manutenção do amadorismo no futebol, como já dissemos isso é negar todo o contexto histórico e simplificar muito as relações sócias da época, entendemos que não se pode usar a obra de Mario Filho como única fonte histórica, mas também não podemos negá-la totalmente, é uma obra literário que de alguma forma representava aquela época.

REFERENCIAS.

HELAL, Ronaldo e GORDON JÚNIOR, César. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. In: HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**, Rio de Janeiro: Mauad, 2001: p. 51-76.

HELAL, Ronaldo e TEIXAIRA, João Paulo Vieira. O Racismo no Futebol Carioca na Década de 1920: Imprensa e Invenção das Tradições. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan/jun, 2011, p. 77-88

MATOS, Marcelo da Cunha. **O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade: o estádio de São Januário**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. P. 38-45.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS, João Manoel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de**

Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2010.

SOARES, Antônio Jorge G. **Futebol raça e nacionalidade no Brasil** – releitura da história oficial. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho. 1998.

TEIXAIRA, João Paulo Vieira. **1923**: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca. 2010. P. 29-42.